

ARTIGO RETRATADO: A PERCEPÇÃO NA FENOMENOLOGIA MERLEAU-PONTIANA¹

Gustavo Luis de Moraes Cavalcante
Universidade Federal de São Carlos – São Carlos – SP
Bolsista FAPESP

¹ *Texto apresentado no IV Encontro de Pesquisa da Graduação em Filosofia da UFSCar: Estética, em setembro de 2012, no campus de São Carlos.*

O Conselho Editorial da Revista *Em curso* decidiu, após análise, proceder à retirada formal do seguinte trabalho:

CAVALCANTI, G.L. de Moraes, A Percepção na Fenomenologia merleau-pontiana. *Revista Em Curso*, 2014, vol.1, Suplemento, pp. 159-174. Disponível em: <<https://revistaemcurso.files.wordpress.com/2015/03/em-curso-vol-1-suplemento.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015, uma vez que parte substancial deste é cópia da seguinte dissertação de mestrado: TRICARICO, C. F., *Liberdade e história a partir da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty*. 2010. 146f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, 2010. Disponível em: <http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2011/139_tricarico.php>. Acesso em: 26 out. 2015.

Atenciosamente,

Prof^ª Dr^ª Marisa Lopes
Editora responsável

Resumo

Neste nosso artigo trataremos dos primeiros estudos de Merleau-Ponty que buscam encontrar uma adequada definição para o que seja a percepção. Nosso interesse pela definição adequada da percepção se dá, pois entendemos que é justamente "a" percepção ou "na" percepção que encontramos o fundamento do conhecimento. Sendo assim é a percepção que une o corpo a alma, é a relação do sujeito cognoscente com o objeto a ser conhecido.

Palavras-chave

Percepção; Conhecimento; Fenomenologia; Merleau-Ponty.

Abstract

In our article we will talk about the first studies of Merleau-Ponty, who seek to find a proper definition for what is perceived. Our interest in the proper definition of perception occurs because we understand that it is exactly "a" perception or "on" perception that we find the foundation of knowledge. So the perception is what binds the soul to the body against the knowing subject with the object to be known.

Keywords

Perception; Knowledge; Phenomenology; Merleau-Ponty.

Vale notar que é dado por Merleau-Ponty um título para a introdução ao seu livro "Fenomenologia da Percepção", a saber, "os prejuízos clássicos e o retorno aos fenômenos". A partir deste título podemos esperar que será proposta uma crítica ao que até em seu tempo era pensado sobre a relação dos homens com o mundo, buscando assim deixar para trás algumas teorias que não conseguem mais explicar a situação atual do homem e de suas

descobertas, para assim "limpar o terreno" para explanar a sua concepção do homem de seu tempo e seus novos estudos. Claro que já levando o leitor a uma ideia de mundo fenomenológica.

Merleau-Ponty começa o capítulo nos alertando sobre a confusão que há entre o termo sensação e percepção. Alguns consideram a sensação como sendo a maneira pela qual sou afetado ou um contato de um estado de mim mesmo. Logo, o sentido seria a coincidência do sentido comigo mesmo. Portanto, nesta visão, a sensação seria "a" experiência de um "choque" indiferenciado, instantâneo e pontual. Pois a sensação sempre estaria afastada de qualquer qualificação, e o sentido deveria estar diante de mim, mesmo que sem uma localização precisa, sem ser eu mesmo.

Esta visão admite as sensações quase que como termos absolutos, não é o que ocorre realmente em nossas experiências, onde elas mostram que estas sensações são mais como relações.

Então para explicar como se dão realmente o que se chama, erroneamente, de impressões, o filósofo se utiliza de um exemplo de quando vemos uma mancha branca sobre um fundo homogêneo. Assim para ser uma mancha, ou seja, ter limites, todos os pontos da mancha têm que ter uma função, fazendo assim essa mancha ser uma figura. A mancha para ser vista é mais densa e nos parece mais resistente do que o fundo, as bordas da mancha, ou seu limite, lhe pertencem e não são "ligadas" ao fundo, mesmo que esteja em contato, seja pertencente a este fundo, assim nos parece que a mancha foi colocada sobre o fundo, como que não fazendo parte deste fundo, mas sem o interromper. Assim ao descrever como vemos a mancha Merleau-Ponty mostra que ao vermos esta imagem, ao termos um percepção elementar, esta já está carregada de sentido, pois como vimos cada parte já diz mais do que ela contém. Não podemos voltar à afirmação da sensação como anteriormente foi definida ao afirmarmos que sentimos a figura em cada ponto seu, e não no todo figura e fundo.

Para responder a esse último suspiro das teorias da sensação, Merleau-Ponty lança mão da teoria da Gestalt, pois para esta teoria a maneira de vermos as coisas como figura e fundo é a sensação mais simples que temos,

isto é a própria definição do fenômeno perceptivo, ou seja, sem isto não podemos nem dizer que percebemos algo. Portanto, "o algo perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um campo." Assim só pela estrutura da percepção efetiva podemos aprender o que é perceber. Ou seja, se fosse possível termos diante de nós uma superfície realmente homogênea, esta não nos daria nada para perceber, esta superfície não seria dada a nenhuma percepção. Logo, a pura impressão, como pensam os que querem definir assim uma sensação, não pode ser encontrada, e mais, não pode ser percebida, assim se tornando impensável como momento da percepção.

Assim não se pode falar de sensação como pura impressão. O algo "sentido" não são sensações, são na verdade sensíveis, e assim a qualidade não é um elemento da consciência, mas sim uma propriedade do objeto. Por exemplo, quando vejo uma cor, ela só tem essa cor devido à luz ou à sombra que a perpassa, sua cor só aparece em relação com este jogo de luz, sendo assim só é aparente devido a uma configuração espacial. Além disto, a cor só é percebida se está em uma superfície. Então em cada análise de cada qualidade se descobre um significado que a habita, como dizemos anteriormente, cada parte anuncia mais do que ela aparentemente contém.

E se alguém quiser defender que este sentido é como um saber anterior que nós já temos e o colocamos nas coisas que sentimos, assim deixando espaço para uma qualidade pura ou um puro sentir, isto retornaria a um puro sentir que seria um não sentir, um não sentir de maneira nenhuma. Não podemos cair no erro de, por ouvirmos e vermos cotidianamente, acharmos que este sentir seja fundado por um testemunho da consciência, ou seja, não podemos transportar esses objetos para a consciência, pois isto só seria dado por um prejuízo, um abandono do mundo.

Assim supomos erroneamente também que está em nossa consciência aquilo que sabemos estar nas coisas. Como diz Merleau-Ponty, construímos a percepção com o percebido. E, como o próprio percebido só é evidentemente acessível através da percepção, não compreendemos finalmente nem um nem outro ao quisermos analisá-los separadamente. Estamos presos ao mundo e

não conseguimos nos separar dele para termos uma consciência pura do mundo (contra a redução completa). Se nós o fizéssemos, veríamos que a qualidade nunca é experimentada imediatamente e que toda consciência é consciência de algo (intencionalidade). Afirma ainda o filósofo que existem duas maneiras de se enganar sobre as qualidades das coisas: uma é fazer delas elementos da consciência, quando elas são na verdade objeto para a consciência, doutra maneira, tratá-las como impressões muda quando elas têm sempre um sentido; a outra maneira de se enganar é de acreditar que este sentido e esse objeto, no plano da qualidade, sejam plenos e determinados. Novamente só cairemos nestes erros devido ao prejuízo do mundo, ou seja, nós nos esquecermos de como são nossas experiências no mundo.

Um exemplo do prejuízo do mundo é quando, seguindo a física,

nós construímos o fragmento do mundo cuja imagem pode formar-se a cada momento em nossa retina. Tudo aquilo que está fora desse perímetro, não se refletindo em nenhuma superfície sensível, não age sobre nossa visão mais do que a luz em nossos olhos fechados. Deveríamos, portanto, perceber um segmento do mundo contornado por limites precisos, envolvido por uma zona negra, preenchido sem lacunas por qualidades, apoiado em relações de grandezas determinadas como as que existem na retina. (Merleau-Ponty, 1945/2006, p. 26).

Mas na verdade não é isso que o mundo nos mostra, a nossa experiência visual

não oferece nada de semelhante e nós nunca compreenderemos, a partir do mundo, o que é um campo visual. Se é possível desenhar um perímetro de visão aproximando pouco a pouco os estímulos laterais do centro, os resultados da mensuração variam de um momento ao outro e nunca se chega a determinar o momento em que um estímulo inicialmente visto deixa de sê-lo. Assim sabemos que não é fácil descrever a região que rodeia o campo visual, mas é certo que essa região não é nem negra nem cinza. Há ali uma visão indeterminada, uma visão de não sei o quê, e, se passamos ao limite, aquilo que está atrás de nós não deixa de ter presença visual. (Merleau-Ponty, 1945/2006, pp. 26-27).

Merleau-Ponty dá a sua interpretação da imagem dos dois segmentos de reta, na ilusão de Müller-Lyer, e diz que não são nem iguais nem desiguais;

pois é só no mundo objetivo que essa alternativa se impõe. Diz ainda que o campo visual é este meio singular no qual as noções contraditórias se entrecruzam porque os objetos — as retas de Müller-Lyer — não estão postos ali no terreno do ser (das essências), em que uma comparação seria possível, mas são apreendidos cada um em seu contexto particular, como se não pertencessem ao mesmo universo. Podemos dizer que o mesmo se dá para todas as percepções que temos e não só as visuais.

Alguns psicólogos tentam se livrar da confusão ou ambiguidade do mundo, apontando que a culpa dessas ilusões seria da falta de atenção do homem a perceber estas coisas, pois as coisas em si mesmas não são confusas. Mas afirma Merleau-Ponty que essa teoria é apenas uma hipótese auxiliar que se forja para salvar o prejuízo do mundo objetivo. Precisamos reconhecer o indeterminado como um fenômeno positivo. E nessa atmosfera que se apresenta a qualidade. O sentido que ela contém é um sentido equívoco, tratasse antes de um valor expressivo que de uma significação lógica. A qualidade determinada, pela qual o empirismo queria definir a sensação, é um objeto, não um elemento da consciência, e é o objeto tardio de uma consciência científica. Por esses dois motivos, ela mais mascara a subjetividade do que a revela.

As concepções de sensação que vimos até agora modelavam-se pelo objeto percebido. No que estavam de acordo com o senso comum que, também ele, delimita o sensível pelas condições objetivas das quais depende. O visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se apreende pelos sentidos. Segue sua investigação o filósofo agora vendo no que se tornam, no primeiro grau de reflexão que é a ciência, este "pelos" e esse "com", e a noção de órgão dos sentidos. Diz-nos o fenomenólogo que a fisiologia está no mesmo embaraço que a psicologia. Esta última também começa por situar seu objeto no mundo e por tratá-lo como um fragmento de extensão. Assim, o comportamento acha-se escondido pelo reflexo, a elaboração e a informação (formação ou informação?) dos estímulos, por uma teoria longitudinal do funcionamento nervoso, que por princípio faz corresponder a cada elemento da situação um elemento da reação. Assim como a teoria do arco reflexo, a

fisiologia da percepção começa por admitir um trajeto anatômico que conduz de um receptor, determinado por um transmissor definido, a um centro registrador, também ele especializado. Dado o mundo objetivo, admite-se que ele confia aos órgãos dos sentidos mensagens que devem então ser conduzidas, depois decifradas, de modo a reproduzir em nós o texto original. Onde, em princípio, haveria uma correspondência pontual e uma conexão constante entre o estímulo e a percepção elementar. Mas essa "hipótese de constância" entra em conflito com os dados da consciência, e os próprios psicólogos que a admitem reconhecem seu caráter teórico.

Merleau-Ponty aponta alguns exemplos que essa teoria não dá conta de explicar, como quando a força do som, sob certas condições, faz com que ele perca a altura; a adjunção de linhas auxiliares torna desiguais duas figuras objetivamente iguais; uma superfície colorida parece ter para nós a mesma cor em toda a sua extensão, quando os limiares cromáticos das diferentes regiões da retina deveriam fazê-la aqui vermelha, ali alaranjada, em certos casos até mesmo acromática. Esses são casos em que o fenômeno não se adere ao estímulo. E há casos, reconhecidos por psicólogos também, em que o "sensível" não pode mais ser definido como o efeito imediato de um estímulo exterior, por exemplo, quando o vermelho e o verde, apresentados em conjunto, dão uma resultante cinza, admite-se que a combinação central dos estímulos pode imediatamente dar lugar a uma sensação diferente daquilo que exigiriam os estímulos objetivos. Quando a grandeza aparente de um objeto varia com sua distância aparente, ou sua cor aparente com as recordações que dela temos, reconhece-se que "os processos sensoriais não são inacessíveis a influências centrais".

Conclui nosso filósofo que se a atenção, se uma ordem mais precisa, se o repouso, se o exercício prolongado, finalmente restabelecem percepções conformes à lei de constância, isso não prova seu valor geral, pois, nos exemplos citados, a primeira aparência tinha um caráter sensorial do mesmo modo que os resultados obtidos finalmente, e a questão é saber se a percepção atenta, a concentração do sujeito em um ponto do campo visual, por exemplo, a "percepção analítica" das duas linhas principais na ilusão de Müller-Lyer, em

lugar de revelar a "sensação normal", não substituem o fenômeno original por uma montagem excepcional.

A lei de constância não pode prevalecer contra o testemunho da consciência, graças a alguma experiência crucial em que ela já não esteja implicada, e, em todas as partes em que se acredita estabelecê-la, ela já está suposta. Se nós retornamos aos fenômenos, eles nos mostram a apreensão de uma qualidade, exatamente como a de uma grandeza, ligada a todo um contexto perceptivo, e os estímulos não nos dão mais o meio indireto que buscávamos de delimitar uma camada de impressões imediatas. Mas quando se procura uma definição "objetiva" da sensação, não é apenas o estímulo físico que se esquiva. O aparelho sensorial, tal como a fisiologia moderna o representa, não pode mais desempenhar o papel de "transmissor" que a ciência clássica lhe atribuía. As lesões não-corticais dos aparelhos táteis rarefazem, sem dúvida, os pontos sensíveis ao quente, ao frio ou à pressão, e diminuem a sensibilidade dos pontos conservados. Mas se aplicamos ao aparelho lesado um excitante suficientemente extenso, as sensações específicas reaparecem; a elevação dos patamares é compensada por uma exploração mais enérgica da mão. Entrevemos, no grau elementar da sensibilidade, uma colaboração dos estímulos parciais entre si e do sistema sensorial com o sistema motor que, em uma constelação fisiológica variável, mantêm constante a sensação, o que portanto proíbe definir o processo nervoso como a simples transmissão de uma mensagem dada. A destruição da função visual, qualquer que seja o local das lesões, segue a mesma lei: primeiramente todas as cores são atingidas e perdem sua saturação. Depois o espectro se simplifica, reduz-se a quatro e logo a duas cores; finalmente, chega-se a um estado monocromático em cinza, aliás sem que a cor patológica seja alguma vez identificável a uma cor normal qualquer. Dessa forma, nas lesões centrais assim como nas lesões periféricas, "a perda de substância nervosa tem como efeito não apenas um déficit de certas qualidades, mas a passagem a uma estrutura menos diferenciada e mais primitiva". Inversamente, o funcionamento normal deve ser compreendido como um processo de integração em que o texto do mundo exterior não é recopiado, mas constituído. E, se tentamos apreender a "sensação" na

perspectiva dos fenômenos corporais que a preparam, encontramos não um indivíduo psíquico, função de certas variáveis conhecidas, mas uma formação já ligada a um conjunto e já dotada de um sentido, que só se distingue em grau das percepções mais complexas, e que portanto não nos adianta nada em nossa delimitação do sensível puro.

Não há definição fisiológica da sensação e, mais geralmente, não há psicologia fisiológica autônoma porque o próprio acontecimento fisiológico obedece a leis biológicas e psicológicas. Durante muito tempo, acreditou-se encontrar no condicionamento periférico uma maneira segura de localizar as funções psíquicas "elementares" e de distingui-las das funções "superiores", menos estritamente ligadas à infraestrutura corporal. Uma análise mais exata mostra que os dois tipos de funções se entrecruzam. O elementar não é mais aquilo que, por adição, constituirá o todo, nem aliás uma simples ocasião para o todo se constituir. O acontecimento elementar já está revestido de um sentido, e a função superior só realizará um modo de existência mais integrado ou uma adaptação mais aceitável, utilizando e sublimando as operações subordinadas. Reciprocamente, "a experiência sensível é um processo vital, assim como a procriação, a respiração ou o crescimento".

A psicologia e a fisiologia não são mais, portanto, duas ciências paralelas, mas duas determinações do comportamento, a primeira concreta, a segunda abstrata. Dizíamos que, quando o psicólogo pede ao fisiólogo uma definição da sensação "por suas causas", ele encontra nesse terreno as suas próprias dificuldades, e vemos agora por quê. O fisiólogo tem a tarefa de desvencilhar-se do prejuízo realista que todas as ciências tomam de empréstimo ao senso comum, e que as atrapalha em seu desenvolvimento. A mudança de sentido das palavras "elementar" e "superior" na fisiologia moderna anuncia uma mudança de filosofia. O próprio cientista deve aprender a criticar a ideia de um mundo exterior em si, já que os próprios fatos lhe sugerem abandonar a ideia do corpo como transmissor de mensagens. O sensível é aquilo que se apreende com os sentidos, mas nós sabemos agora que este "com" não é simplesmente instrumental, que o aparelho sensorial não

é um condutor, que mesmo na periferia a impressão fisiológica se encontra envolvida em relações antes consideradas como centrais.

Se nós nos reportamos ao mundo descobrimos que as condições exteriores do campo sensorial não o determinam parte por parte, e só é possível o entender tomando uma organização autóctone, é isso que mostra a Gestalt. Descobrimos também que no organismo a estrutura depende de variáveis como o sentido biológico da situação, que não são mais variáveis físicas, de forma que o conjunto escapa aos instrumentos conhecidos da análise físico-matemática para abrir-se a um outro tipo de inteligibilidade. Se agora nós nos voltamos, como se faz aqui, para a experiência perceptiva, observamos que a ciência só consegue construir uma aparência de subjetividade: ela introduz sensações que são coisas ali onde a experiência mostra que já existem conjuntos significativos, ela sujeita o universo fenomenal a categorias que só são exigidas no universo da ciência, sem ver que o próprio do percebido é admitir a ambiguidade, o "movido", é deixar-se modelar por seu contexto.

Assim na ilusão de Müller-Lyer, uma das linhas deixa de ser igual à outra sem tornar-se "desigual": ela se torna "outra", o que significa dizer que uma linha objetiva isolada e a mesma linha considerada em uma figura deixam de ser, para a percepção, "a mesma". Ela só é identificável nessas duas funções para uma percepção analítica que não é natural. Logo, como já dissemos, o percebido comporta lacunas que não são simples "impercepções". Posso, pela visão ou pelo tato, conhecer um cristal como um corpo "regular", sem ter, nem mesmo tacitamente, contado os seus lados; posso estar familiarizado com uma fisionomia sem nunca ter percebido, por ela mesma, a cor dos olhos. As imagens que o instinto projeta diante de si, aquelas que a tradição recria em cada geração, ou simplesmente os sonhos, se apresentando primeiramente com direitos iguais às percepções propriamente ditas, e a percepção verdadeira, atual e explícita, distinguem-se pouco a pouco dos fantasmas por um trabalho crítico.

A palavra indica uma direção antes que uma função primitiva. A percepção está mais estritamente ligada ao excitante local em seu estado tardio do que em seu estado precoce, e é mais conforme a teoria da sensação no

adulto do que na criança. Ela é como uma rede cujos nós aparecem cada vez mais claramente. É ora a aderência do percebido a seu contexto e como que sua viscosidade, ora a presença nele de um indeterminado positivo, que impedem os conjuntos espaciais, temporais e numéricos de se articularem em termos manejáveis, distintos e identificáveis. E é este domínio pré-objetivo que precisamos explorar em nós mesmos se queremos compreender o sentir, o conhecer.

Nas palavras de Merleau-Ponty: "há uma significação do percebido que ainda não é o mundo objetivo, um ser perceptivo que ainda não é o ser determinado." (MERLEAU-PONTY, 1945/2006, p. 77) A consciência perceptiva em contato com o indeterminado, num movimento de atenção/intenção da consciência que parte do "anônimo" em "direção a", constituirá um sentido no seu modo de interagir com o mundo. Desta maneira, o sentido do objeto não é dado por uma consciência pura que carregaria em si a significação de um objeto percebido no exterior; ao invés disso, esse sentido e essa significação resultam da relação entre aquele que percebe e o percebido, numa via de mão dupla. A percepção, então, retoma em Merleau-Ponty seu caráter primordial. As qualidades dos objetos deixam de serem meros atributos alcançados categoricamente pela inteligência quando compreendemos que indiscernível a elas é o contexto no qual estão inseridas e que somente as percebemos dentro de um contexto, não sendo possível isolá-las dele, pois tentando abstraí-las de seu contexto, perdemos seu sentido.

Merleau-Ponty exemplifica dizendo: "Uma roda de madeira posta no chão não é, para a visão, aquilo que é uma roda carregando um peso." (MERLEAU-PONTY, 1945/2006, p. 83) Neste exemplo, o autor mostra que o conceito "roda" independe do seu contexto, mas a percepção da "roda", na experiência que dela temos, tem seu sentido intrínseco ao seu contexto: "Ele (o perceber) é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor." (MERLEAU-PONTY, 1945/2006, p. 84)

Portanto, a experiência dos fenômenos é a explicitação ou o esclarecimento da vida pré-científica da consciência, que é a única a dar seu sentido completo às operações da ciência, e à qual estas operações sempre

reenviam. Não se trata de uma conversão irracional, trata-se de uma análise intencional.

A noção de fenômeno tal qual apresentada por Husserl, retomada na noção de percepção de Merleau-Ponty, dissolve a ideia de passividade e de atividade como movimentos isolados, na medida em que estabelece o perceber como contínua relação entre passividade e atividade que atuam ao mesmo tempo no mundo vivido, constituindo a existência. É aqui que surge a ideia de campo fenomenal, na retomada do mundo vivido, antes do mundo objetivo, no "estado nascente" de todas as relações que se efetivam no mundo concreto. O fenômeno, entendido aqui como a maneira pela qual a coisa se apresenta para o sujeito, não se encontra na pura idealidade, ele não habita somente a esfera subjetiva; o fenômeno se dá num campo onde se tecem as relações sujeito-objeto e sujeito-sujeito, ou melhor, na relação eu-outro-mundo.

Entendido assim, o fenômeno não se dá na interioridade do sujeito, não se trata da representação advinda da impressão de um objeto exterior; o fenômeno abarca toda a estrutura na qual o objeto se apresenta, inclui seu sentido, antes mesmo da reflexão. Já o fenômeno da percepção, tal qual é tratado na psicologia, segundo Merleau-Ponty, é colocado num campo transcendental, pois a psicologia reduz a experiência vivida a estados da consciência.

Merleau-Ponty tem a ideia do retorno à percepção como fundamento da relação sujeito-mundo e na inclusão da temporalidade para se compreender a consciência; para Merleau-Ponty, a temporalidade tem caráter primordial no movimento da consciência perceptiva, na intencionalidade, e as relações do sujeito com o mundo abarcam todas as esferas do humano. E também Merleau-Ponty dissolve a ideia de interior e exterior e a graduação de liberdade se estabelece na relação do sujeito com o mundo, pelo modo de ser desse sujeito temporal.

Para Merleau-Ponty a própria essência do fenômeno perceptivo se dá no mundo vivido e não apenas no interior do sujeito. O verdadeiro fenômeno, para Merleau-Ponty, não teria sua origem na interioridade do sujeito, mas sim no que ele chama de campo fenomenal, ou seja, na relação imediata sujeito-

mundo. Desta maneira, o mundo não é representado, ele é constituído por essa relação. É com base nessa relação que Merleau-Ponty evoca o retorno às coisas mesmas por meio da percepção; dissolvendo a separação representação x representado, as coisas não precisam mais ser examinadas pela introspecção do sujeito por meio de suas respectivas representações, como no pensamento objetivo, nem pelo psiquismo.

Com base na percepção, o fenômeno passa a ser experimentado do modo como é percebido no mundo vivido; o fenômeno, no pensamento de Merleau-Ponty consiste no que é percebido no contato imediato entre consciência e mundo. Para investigar o modo como opera a percepção, Merleau-Ponty toma de empréstimo a ideia de estrutura da psicologia da Gestalt, porém, considerando o contato direto entre sujeito e mundo, ao invés dessa estrutura estar dentro da esfera da interioridade do psiquismo, onde ela estabeleceria leis que regulariam o modo de perceber, ela passa a ser o solo originário onde a percepção atua, ela passa a ser o próprio modo do fenômeno aparecer. Merleau-Ponty diz,

Não é porque a "forma" realiza um certo estado de equilíbrio, resolve um problema de máximo e, no sentido kantiano, torna possível um mundo que ela é privilegiada em nossa percepção; ela é a própria aparição do mundo e não sua condição de possibilidade, é o nascimento de uma norma e não se realiza segundo uma norma, é a identidade entre o exterior e o interior e não a projeção do interior no exterior. Portanto, se ela não resulta de uma circulação de estados psíquicos em si, não é mais uma ideia. A Gestalt de um círculo não é sua lei matemática, mas sua fisionomia. (MERLEAU-PONTY, 1945/2006, p. 95).

A operação da razão não se faz como se do irrefletido ela pudesse tirar leis *a priori* para conhecer o objeto, como se existisse uma razão universal anterior à experiência. Ao invés disso, a razão realiza uma operação do entendimento participando da facticidade (MERLEAU-PONTY, 1945/2006, p. 95). O sujeito sendo parte constituinte do mundo vivido somente pode apreender o objeto de modo parcial, sua razão se encontra dentro do campo e não numa posição superior privilegiada. É por isso que a fenomenologia é a única entre todas as filosofias a falar de um campo transcendental. Esta

palavra, campo, significa que a reflexão nunca tem sob seu olhar o mundo inteiro e a pluralidade das mônadas (individualidades fechadas e sem contado com as outras individualidades) desdobradas e objetivadas, que ela só dispõe de uma visão parcial e de uma potência limitada. Por isso que a fenomenologia é uma fenomenologia, quer dizer, estuda a aparição do ser para a consciência, em lugar de supor a sua possibilidade previamente dada.

Estando dentro do campo, ela (a percepção) não formata as coisas como elas poderiam ou deveriam ser, mas as experimenta do modo como elas se apresentam e, a partir daí, elabora suas leis. Sob essa perspectiva, a reflexão não inibe a percepção, não a anula para buscar o conhecimento puro; antes, a reflexão necessita da percepção para exercer sua atividade e necessita dela do modo como ela vivencia o mundo. Diz Merleau-Ponty: "A reflexão nunca pode fazer com que eu deixe de perceber o sol a duzentos passos em um dia de neblina, de ver o sol 'se levantar' e 'se deitar', de pensar com os instrumentos culturais preparados por minha educação, meus esforços precedentes, minha história." (MERLEAU-PONTY, 1945/2006, p. 96).

Da mesma maneira como a razão não consegue abarcar o objeto de modo total e ainda constitui sua reflexão se utilizando de uma multiplicidade de vivências, de relações com o mundo, também não pode se auto apreender por completo, como se habitasse fora de si mesma. Ela também irá se constituindo em meio às relações que estabelece com o mundo.

Merleau-Ponty compreende a estrutura da existência pela ideia de mútua constituição entre sujeito e mundo, ou porque não dizer, entre o "fluxo anônimo" e seu "campo", numa ligação inextricável. A "configuração" de um objeto, sua identificação como um objeto, somente é possível porque ele se encontra num campo: a atenção/intenção só pode fazer a síntese entre sujeito e mundo, com o surgimento de um sentido dentro dessa estrutura. O que Merleau-Ponty parece querer dizer é que um lugar circunscrito no espaço necessita de um campo para se destacar como tal; um instante pontual necessita estar num fluxo temporal, do entrelaçamento com o instante anterior e o posterior para ser. Enquanto não "intencionados", enquanto não existe um sujeito engajado em uma situação e, assim, operando a síntese pelo

movimento de atenção/intenção, lugar e instante são indiscerníveis no campo espaço-tempo.

Diz Merleau-Ponty: "A estrutura objeto-horizonte, quer dizer, a perspectiva, não me perturba quando quero ver o objeto: se ela é o meio que os objetos têm de se dissimular, é também o meio que eles têm de se desvelar." (MERLEAU-PONTY, 1945/2006, p. 105).

Assim a percepção é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. É a ela (a percepção) que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura. A percepção é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor. Por exemplo, a visão já é habitada por um sentido que lhe dá uma função no espetáculo do mundo, assim como em nossa existência. O puro *qualé* só nos seria dado se o mundo fosse um espetáculo e o próprio corpo um mecanismo do qual um espírito imparcial tomaria conhecimento.

Resumidamente e superficialmente podemos afirmar que as bases ontológicas do pensamento de Merleau-Ponty são: a percepção como uma modalidade original da consciência; o mundo percebido não é um mundo de objetos como o que concebe a ciência; no percebido há não só uma matéria, mas também uma forma. O sujeito que percebe não é um interpretador ou decifrador de um mundo supostamente caótico e desordenado. Toda percepção se apresenta dentro de um horizonte e no mundo. Tal concepção não é só psicológica, não pode superpor-se ao mundo percebido um mundo de ideias. A certeza da ideia não se funda na percepção, senão descansa sobre ela.

Em Merleau-Ponty os fenômenos do corpo e do mundo circundante são totalidades expressas. Os fenômenos do mundo são uma relação de implicação entre os nossos dispositivos anatômicos e os dados, destacamos ainda que o filósofo não parte de uma prévia definição de mundo, não antecipa para a experiência uma condição ontológica ou epistemológica, mas reconhece a primordialidade do que logramos através do corpo, procurando determinar como o fazemos.

A crítica ao cientificismo e à psicologia clássica é a de pensar o sentir, destacado assim da afetividade e da motricidade, tornava-se (o "pensar o

sentir“?), a simples recepção de uma qualidade, e a fisiologia acreditava poder acompanhar, desde os receptores até os centros nervosos, a projeção do mundo exterior no ser vivo. O corpo vivo assim transformado deixava de ser meu corpo, a expressão visível de um Ego concreto, para tornar-se um objeto entre todos os outros. Correlativamente, o corpo do outro não podia aparecer-me como o invólucro de um outro Ego. Ele não era mais do que uma máquina, e a percepção do outro não podia ser verdadeiramente percepção do outro, já que ela resultava de uma inferência e só colocava atrás do autômato uma consciência em geral, causa transcendente e não habitante de seus movimentos. Portanto, não tínhamos mais uma constelação de Eus coexistindo em um mundo. Todo o conteúdo concreto dos "psiquismos", resultando, segundo as leis da psicofisiologia e da psicologia, de um determinismo de universo, achava-se integrado ao em si. O único para si verdadeiro seria o pensamento do cientista que percebe esse sistema e seria o único a deixar de ali residir. Assim, enquanto o corpo vivo se tornava um exterior sem interior, a subjetividade tornava-se um interior sem exterior, um espectador imparcial.

Referência bibliográfica:

CARMO, Paulo Sergio do. 2007. *Merleau-Ponty uma introdução*. São Paulo, Ed. EDUC.

CHAUÍ, Marilena de Souza. 2002. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo, Ed. Martins Fontes.

DESCARTES, René. 1983. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. Gilles-Gaston Granger (Introd.); Gerard Lebrun (Pref. e notas); J. Guinsburg; Bento Prado Júnior (Trad.). 3 ed. São Paulo, Ed. Abril Cultural.

DUPOND, Pascal. 2010. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes.

FERRAZ, Marcus Sacrin A. 2006. *O transcendental e o existente em Merleau-Ponty*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas.

MATTHEWS, Eric. 2011. *Compreender Merleau-Ponty*. Petrópolis, Editora Vozes.

MERLEAU-PONTY, Maurice. 2006. *Fenomenologia da percepção*. [Phenomenologie de la perception, 1945]. Carlos Alberto Ribeiro de Moura (Trad.). São Paulo, Ed. Martins Fontes.

_____. 1991. *Signos*. [Signes, 1960]. Maria Ermantina Galão Gomes Pereira (Trad.). São Paulo, Ed. Martins Fontes.

_____. 2000. *O visível e o invisível*. [Le visible et l'invisible, 1964]. José Artur Gianotti (Trad.). 4 ed. São Paulo, Ed. Perspectiva.

_____. 2004. *Conversas, 1948*. [Causeries, 1948]. Stéphanie Ménasé (Ed.). Fábio Landa (Trad.). São Paulo, Ed. Martins Fontes.

_____. 2006. *A estrutura do comportamento*. [La structure du comportement, 1967]. Márcia Valéria Martinez de Aguiar (Trad.). São Paulo, Ed. Martins Fontes.

_____. 1990. *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos*. [Merleau-Ponty a la Sorbonne: resume de cours]. Constanca Marcondes Cesar (Trad.). Campinas, Ed. Papirus.

_____. 1990. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. [Le primat de la perception et ses consequences philosophiques]. Constanca Marcondes Cesar (Trad.). Campinas, Ed. Papirus.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. 2006. *Razão e experiência: ensaios sobre Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro. Ed. UNESP.

MÜLLER, Marcos José. 2001. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre, Ed. EDIPUCRS.

WAELEHENS, Alphonse. 2006. *Uma filosofia da ambiguidade*. in "A estrutura do comportamento". Márcia Valéria Martinez de Aguiar (Trad.), São Paulo, Ed. Martins Fontes.